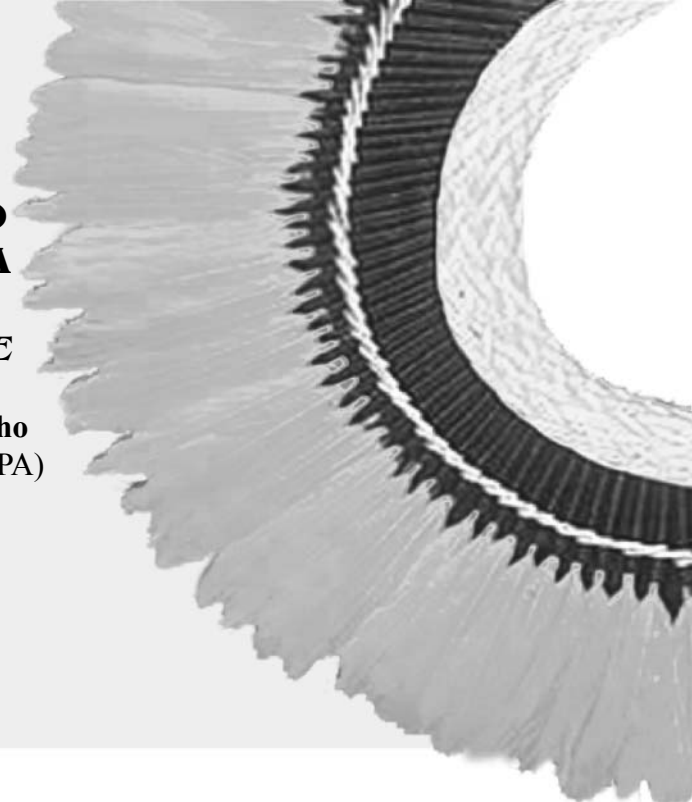


SABERES DO COTIDIANO DA CRIANÇA RIBEIRINHA

RIVERINE CHILD'S EVERYDAY KNOWLEDGE

Nazaré Cristina Carvalho
Universidade do Estado do Pará (UEPA)



RESUMO

As águas do rio concentram um enorme universo de significados, de lendas, de crenças e de seres sobrenaturais, e é entre o rio e a floresta, que o imaginário devaneante do caboclo ribeirinho se alimenta. É nesse meio que homens, mulheres e crianças vivem uma relação de cumplicidade com o rio e a mata. Nesse contexto, este artigo resulta de um estudo sobre o imaginário e a ludicidade de crianças ribeirinhas, das comunidades de Castanhal do Mari-Mari e Caruaru, localizadas na Ilha do Mosqueiro, estado do Pará, e teve por objetivo analisar os saberes que emergem e são vivenciados pela criança ribeirinha a partir da sua relação com a natureza, ou seja, com seu meio circundante. A contribuição dessa pesquisa está centrada no desafio de aprender a olhar o saber da criança sobre a natureza com um novo olhar, o olhar do imaginário e da ludicidade. O olhar da complementaridade, considerando que a criança pode brincar com as brincadeiras ocidentais, sem desprezar, no entanto os brinquedos naturais, norteando uma outra construção de subjetividade, fazendo entender que ela e natureza não se separam.

Palavras-chave: Criança Ribeirinha. Imaginário. Ludicidade. Cultura. Natureza.

ABSTRACT

The river waters concentrate a huge universe of meanings, legends, beliefs and supernatural beings, and it is between the river and the forest that the fantastic imaginary of the riverine caboclo is nourished. It is in this environment that men, women and children experience a complicity relationship with the river and the forest. In this context, this article results from a study on the imaginary and games of riverine children from the Castanhal do Mari-Mari and Caruaru communities, located in Mosqueiro island, on Pará, and it aimed to analyze the knowledge that emerges from and is experienced by riverine children considering their relation with nature, that is, with their surroundings. The contribution of this research is centered in the challenge of learning to look at a child's knowledge on nature with a new perspective, the imaginary and playfulness perspective. The look of complementarity that considers that children can play with western games without, however, despising their natural toys, giving way to the construction of another subjectivity, leading to the understanding that they are not separated from nature.

Keywords: Riverine Child; Imaginary; Play; Culture; Nature.

O homem enquanto sujeito capaz de produzir cultura é dotado, de poder criativo e simbólico; tudo o que ele cria possui um significado próprio. Dentro deste processo de criação da cultura, por meio do seu trabalho, o homem se transforma e dá significado às coisas. Como diz Geertz (1989, p.15), “o homem é um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu”.

Os valores materiais e simbólicos, as concepções de mundo, modos de vida, usos e costumes, crenças, hábitos, etc, sofrem variações consideráveis de uma formação social para outra, determinando a pluralidade da cultura, pois as sociedades, como a vida, contêm suas próprias interpretações. No dizer de Brandão (2002, p. 22),

Nós somos aquilo que nos fizemos e fazemos ser. Somos o que criamos para efemeramente nos perpetuarmos e transformarmos a cada instante. Tudo aquilo que criamos a partir do que nos é dado, quando tomamos as coisas da natureza e as recriamos como os objetos e os utensílios da vida social, representa uma das múltiplas dimensões daquilo que, em uma outra, chamamos de cultura.

Na cultura podemos perceber seu caráter lúdico, sua beleza e sua plasticidade, elementos encontrados nas expressões do brincar, no jogo. Dessa forma, as crianças não ficam de fora de todos esses aspectos que envolvem a cultura, pois elas se encontram inseridas em um tempo e espaço, que paralelamente influenciam e sofrem influência do meio em que vivem, num processo de constante interação. Suas vivências socioculturais integram seu capital cultural, entendido como todo o arcabouço de conhecimentos, que a criança adquiriu no decorrer de sua vida, e que tende a aumentar conforme suas vivências.

Na região amazônica, floresta e rios fazem parte de uma realidade dominante e determinante de todos aqueles que nela habitam. Neste contexto cultural, nossa abordagem está voltada para a criança ribeirinha. Aquela que habita as margens dos rios, que circundam o estado do Pará, mais especificamente, as da região das ilhas, situadas nas proximidades da capital, Belém¹, dispersas ao longo de grandes espaços, os quais apresentavam uma ligação direta com sua cotidianidade. Isso nos levou a caminhar rumo a sua ludicida-

de e ao seu imaginário, observando como vivem, brincam, se relacionam e se integram ludicamente com a natureza.

É brincando num ambiente cercado de rios, e de muito verde, que a criança aprende a se relacionar com a natureza; é neste ambiente, que ela dá vazão a sua criatividade criando seus brinquedos, descobrindo nas árvores, nas águas dos rios, nas folhas e nas sementes, nos galhos, nos cipós, nos frutos verdes, nas pedras, objetos que passam a ganhar vida e identidade em suas brincadeiras. Como é o caso dos brinquedos de miriti², os quais desde cedo a criança aprende a confeccionar em suas brincadeiras. É o imaginário amazônico materializado em formas diversas, e inserido na cultura popular por meio da emoção, da fantasia e da ludicidade. É o desvelar de códigos culturais, é o domínio de um saber que brota da cotidianidade, da relação homem/natureza.

A criança ribeirinha no seu ato de brincar se relaciona real e imaginariamente com o rio e a floresta, elementos permanentes na sua vida e que são fundamentais para a sua ludicidade. Ao viver essa relação simbólica, a criança cria e recria a sua realidade, brinca e se relaciona com ela, mostrando-nos que faz parte de um mundo, onde o rio e a floresta se constituem em sua rua, seu quintal, seu parque de diversões e seu próprio ser.

O Brincar na Mata

As crianças correm e brincam com as árvores, suas vozes, seus gritos, suas risadas, misturam-se ao canto dos pássaros. Brincando na mata, as crianças são os uirapurus³ que encantam a floresta amazônica com sua bela melodia, ao mesmo tempo são os “curupiras”⁴ que a espreitam e a protegem. A ludi-

² Trata-se de um brinquedo feito a partir da bucha da palmeira de miriti, tipicamente amazônica (*Mauritia Flexuosa*), abundante nas áreas de várzea. É produzido de forma artesanal por artesãos paraenses, os quais usando sua imaginação criadora dão forma ao miriti, fazendo surgir barcos, canoas, cobras, pombinhos, serrador, tatus, soca-soca, casais de dançarinos, aviões, pássaros, borboletas, jacarés, enfim, uma grande variedade de brinquedos, cujos elementos fazem parte de suas referências culturais.

³ O Uirapuru é considerado como um pássaro encantado, de grande beleza com suas plumas vermelhas, cujo canto é tão maravilhoso, que faz a floresta silenciar para escutá-lo. Pelo seu tamanho dificilmente é visto, mas seu canto pode ser ouvido ecoando na mata.

⁴ O curupira é o grande protetor da floresta e dos animais, se apresenta na forma de um menino, um pequeno tapuió com cabelos vermelhos, os pés voltados para trás, e o corpo coberto de pelos, anda sempre rindo e come dando gargalhadas. Seus dentes podem ser verdes ou azuis. Tem a forma humana (menino), a idéia do antropomorfismo, mas apresentando características próprias dos deuses. O curupira parece ser um mito Tupi-Guarani, por não apresentar vestígios de outros povos. Entre os mitos indígenas, o curupira é o mais antigo presente nas crenças populares.

¹ Belém está localizada a margem Oriental da Baía de Guajará, onde deságuam os Rios Moju, Acará e Guamá.

cidade presente no brincar da criança está relacionada com a emoção, com os sentidos, e com o lado considerado como não sério do homem, daí a brincadeira estar relacionada mais com a criança, do que com o adulto. Dionísio (mito Ocidental) se vivifica na brincadeira, na ludicidade, no prazer que dela emana, e em todo divertimento em si.

No brincar das crianças na árvore, se estabelece ao mesmo tempo, um processo simbiótico e mimético. Simbiótico, na medida em que elas se confundem com a árvore, e mimético ao imitarem os animais ou outros elementos presentes na mata. Ao subir em uma árvore, a criança deixa de ser ela, para passar a ser o macaco que com seu jeito engraçado, agilmente salta de galho em galho, a preguiça que explora a árvore em toda a sua extensão, a lagarta que espera o momento de tornar-se uma borboleta, para então alçar vôo. São esses seus brinquedos.

A capacidade que o ser humano tem de mimetizar-se, sentindo e experimentando com seu corpo, possibilita a vivência plena dos acontecimentos relacionados ao meio em que vive. E nessa brincadeira, a criança se constrói. Seus gestos, a forma de andar, de sentir, de falar, e de agir, constroem o que Foucault (1987) chama de retórica do corpo: a retórica do corpo do caboclo.

O brincar na mata subindo nas árvores, é uma aventura lúdica em que a liberdade e o companheirismo estão presentes. Companheirismo, que se apresenta nas disputas de quem sobe mais alto, quem dá a mão para ajudar o outro a subir. Pois o lúdico se situa na esfera do simbólico, ele possui alguma mágica difícil de ser explicada, principalmente pela lógica da ciência. Quando perguntado as crianças porque gostam tanto de subir nas árvores, a resposta é simples: “porque sim”, “porque eu gosto”, “porque é bom”. E essas respostas, não são difíceis de entender. O fato é que para elas, subir em árvores é um ato natural, não precisa de explicações. São respostas, que provem do encantamento que as árvores têm para elas. Porque é bom, reflete que o que é bom é bom e nada mais do que isso. A mesma coisa é o gostar, gosto porque gosto. É bom justamente porque gosta, e se sente bem.

Sob o olhar de Duvignaud (1997), para muitos é difícil aceitar o preço das coisas sem preço. O que significa dizer que o jogo, a brincadeira, a ludicidade, e o prazer que brota dessas ativida-

des, estão inseridos no rol das coisas sem preço, tentar justificá-las, é muito difícil, elas se justificam por si só.

O Brincar nas Águas do Rio

Para a população ribeirinha, o rio não é apenas um elemento da geografia, mas se configura como um *locus* de trabalho, de sobrevivência e de lazer. Um espaço em que se inscreve a história daqueles grupos. O sentido das coisas que lá estão, sua dinâmica, está na própria relação do homem com essas coisas. Para o ribeirinho, o rio tem o sentido que este lhe atribui, é o espaço por onde ele se desloca de um lugar a outro, de onde retira seu sustento, onde se diverte nas suas horas de lazer, onde transita e interage com a vizinhança e a natureza.

E para a criança ribeirinha o rio é o espaço principal de expressão da sua ludicidade. É na fluidez das águas do rio, que elas compartilham suas brincadeiras, que vivenciam suas experiências e constroem novos conhecimentos, brincar nas águas do rio faz parte, da realidade cotidiana das crianças ribeirinhas. São águas que as alimentam tanto materialmente, como espiritualmente.

O estar diante das águas do rio, desperta a vontade de nelas mergulhar, de ficar submerso em sua maciez acariciante. É como se ela convidasse a sentir seu corpo fluido, e esse apelo para a criança parece ser maior e mais forte, pois ela chega à margem do rio e de repente salta na água, daí em diante o que se observa é uma sequência de risos, seguido de outros saltos. Saltos que podem ser dados de cima de um barco, de uma árvore, ou da ponte de atracação dos pequenos barcos. O local não importa, desde que seja elevado e desafiante, e provoque um certo frio na barriga, uma espécie de vertigem. É um salto no desconhecido, um mergulho, e por isso mesmo mais emocionante, mais desafiante. Um desafio da criança, para com ela mesma.

As crianças brincam na água, ficam flutuando e se deixam levar e embalar por ela, sentindo o corpo envolto por uma leveza, a qual produz a sensação de estarem deitadas sobre as nuvens, em um mundo onírico, ausente do mundo real nem que seja por um momento. Brincar nas árvores que margeiam o rio, com suas raízes aéreas e aquáticas, é sempre descoberta, é construção do seu próprio caminho, que se transforma em ludi-

cidade, considerando que a cada hora, a cada dia, dependendo das marés, essa paisagem se encontra de um jeito. Esta paisagem não é estática, ela é dinâmica, sofre mudanças constantes, e a cada mudança à criança tem novas descobertas a fazer, novos caminhos a construir.

Nas águas dos rios estão ancoradas suas crenças, pois aprenderam com seus avós e pais o rito de passagem de que não se entra na mata ou na água, sem pedir licença à ‘mãe da mata’ ou a ‘mãe do rio’, os encantados que habitam esses lugares. Pelo fato das crianças ribeirinhas viverem numa região, em que predomina a floresta e os rios, desde cedo elas entram em contato com este universo, e tudo isso passa a fazer parte de sua vida. Os pais dessas crianças subiram e sobem nas árvores, principalmente nas palmeiras de açaí, usam o rio para pescar e se deslocar de um lugar a outro, logo, todas essas atividades também se integram à vida das crianças.

As crianças ribeirinhas por vivenciarem uma relação direta com o rio e a floresta adquirem saberes herdados de seus avós, pais e pessoas próximas, resultando naquilo que se chama de educação informal, e que consiste no conhecimento adquirido no dia a dia do indivíduo, sem a necessidade de um ambiente especial, para que ocorra a aprendizagem. A aprendizagem se dá através do processo de interação entre o homem, a natureza e a sociedade, de forma contínua fora do esquema formal de ensino. E as crianças são um repositório, de toda cultura própria do caboclo ribeirinho.

Ludicidade e educação são palavras que ao primeiro olhar parecem ser de simples compreensão, mas que apresentam uma certa complexidade quando tentamos desvendar seus significados, conceituá-las ou estabelecer relações entre elas. Essa complexidade aumenta, quando procuramos estabelecer conexões entre elas e a criança. Isto talvez se justifique, pelo fato de que quando falamos em educação, uma das primeiras relações que se tende a fazer é com a educação formal e conseqüentemente com a escola, carregada de objetivos educacionais tão arraigados ao saber escolar sistematizado, sobrando pouco espaço para outros saberes que não estejam no interior da escola. Os saberes que não se enquadram neste contexto tendem a ficar a margem da escola, entre os quais os que as crianças aprendem no cotidiano de suas brincadeiras. Nesse sentido Brandão (2002, p.26) nos diz que,

Educar é criar cenários, cenas e situações em que, entre elas e eles, pessoas, comunidades aprendentes de pessoas, símbolos sociais e significados da vida e do destino possam ser criados, recriados, negociados e transformados. Aprender é participar de vivências culturais em que, ao participar de tais eventos fundadores, cada um de nós se reinventa a si mesmo.

Os Saberes que Brotam da Mata e do Rio

Ao conversar com as crianças, diversos saberes se revelam. Contam as histórias de seus pais, tios e vizinhos, vividas durante a pesca, a caça, e seu cotidiano. Caminhando com algumas crianças pela trilha que me levaria até o ancoradouro, para pegar o barco de volta, observei em determinado lugar do caminho muitas formigas, as quais chamavam atenção pelo tamanho, diferentes das que estamos acostumada a ver. Comentei sobre a formiga, e falei que nunca havia visto nenhuma daquele tipo, tão grandes e pretas, foi quando as crianças disseram que aquela formiga é chamada de “tapiain”, e uma delas contou a história daquela formiga dizendo,

Quando Jesus criou essa formiga, ela falou pra Jesus que ia dar uma ‘ferrada’ (ferroada) no homem pra matar, mas aí Jesus disse que não precisava fazer isso, aí a formiga disse que ia dar uma ‘ferrada’ só pra doer muito, sem matar. E completou: Quando ela ‘ferra’ a gente dói muito, e pra passar a dor à gente tem que cuspir pra cima, aí a dor passa rapidinho, mas se matar ela aí chove muito.

A história dessa formiga revela uma crença, de preservação da formiga, e que de certa forma pode-se dizer que assume uma visão quase totêmica. Porque se a lei de Deus diz que, é preciso preservar a natureza, então não se deve matar as formigas, senão a chuva pode vir e alagar tudo, como um castigo de Deus pela desobediência. Há uma crença presente aí, que sustenta a defesa da natureza, uma visão de preservação, que está presente nas crianças, incorporada no seu modo de ser e que o homem precisa para viver em harmonia com ela, ao mesmo tempo, percebe-se a preservação dos mitos.

Em uma das minhas idas a comunidade ribeirinha do Caruaru, algumas crianças me convidaram para conhecer o “cemitério de cachorros”, lugar em que elas enterram seus animais de estimação quando morrem. Entro com elas na mata, e as sigo com receio olhando onde piso, e perguntando se ainda falta muito para chegar, enquanto as crianças caminham tranquilas e descalças, conversando o necessário, mas cada uma querendo mostrar o seu conhecimento em relação à mata.

Pergunto a elas, o porquê de fazer um cemitério para os cães, e elas respondem que estes são seus amigos. Por ser a morte um ritual de passagem, e as crianças saberem que existe um local, onde se enterra os homens, da mesma forma elas enterram seus cães, pela visão que possuem de que todos fazem parte de um universo, uma visão holística. E se os homens precisam voltar à terra após sua morte, conseqüentemente os animais também precisam.

Na mata o caminhar das crianças, é o de quem sabe onde está pisando, e como deve pisar, de quem conhece cada pedaço daquele chão, é a convivência homem elemento da natureza. Para testar as crianças, e ao mesmo tempo satisfazer minha curiosidade, pergunto o nome de algumas árvores e elas rapidamente respondem, e dizem qual a sua utilidade, mostram as plantas rasteiras, recomendam para não encostar porque provoca coceira no corpo. Conhecem plantas, raízes e seus poderes curativos.

Observo que uma árvore tem no seu tronco uma espécie de resina, pergunto o que é aquilo, e as crianças dizem que ali está sendo formado um “ninho de abelha”, (colméia), mas que ainda vai demorar um tempo para ficar pronta, e outro tempo para produzir o mel. Elas explicam o processo de forma simples, do modo como o percebem.

Ao passar por um local da mata sinto um aroma diferente e agradável. Mais uma vez quero saber que cheiro é aquele e de onde vem, logo as crianças respondem que é “breu branco”. Caminhamos até uma árvore e, lá, elas retiram do tronco uma espécie de torrão branco que está grudado como um cogumelo. Esse torrão é bastante cheiroso, e quando esmagado vira um pó branco. Pergunto para que serve aquilo, e as crianças dizem que após derreter o breu no fogo, ele é usado para fazer a vedação de barcos e canoas construídos na própria região. Logo outra criança diz que sua mãe usa em casa, queimando como

defumação para espantar os “carapanãs”⁵, além de deixar a casa cheirosa. Mas, o que as crianças desconhecem, é que o breu branco vem sendo usado pela indústria de cosméticos, na produção de perfumes e que, ao sangrarem excessivamente as árvores com seus métodos devastadores, acabam por causar a morte das mesmas.

Mais adiante juntam sementes de andiroba e explicam o processo para extração de seu óleo, bem como seu uso na ‘medicina da floresta’, além das crenças que perpassam sua extração. Como, por exemplo, quando o óleo começa a ser extraído, mulher grávida não pode passar por perto, nem olhar na direção em que o processo está sendo feito, senão o óleo não sai da semente. Para evitar que isso aconteça, normalmente é construído no fundo dos quintais uma casinha própria para extração do óleo.

Na medida em que caminhamos, as crianças vão descortinando todo o seu saber sobre o rio e a mata, vão me revelando as lendas, os mitos e as crenças que habitam seus imaginários. Nessa caminhada pela mata, fomos descobrindo traços de uma floresta que parece não ter fim, um labirinto repleto de mitos, que ganham vida e se revelam no brincar das crianças, no seu modo de ser e de viver. Descobrimos os mistérios das águas, da floresta, da noite, desvelamos ainda os medos, e as fantasias sob o olhar das crianças.

A criança ribeirinha vivencia a natureza ludicamente, de forma sensível, estética e ética, porque ela não é apenas um elemento da natureza, mas por ser a própria natureza. Seu imaginário e a sua ludicidade revelam aspectos da ecologia humana, ecologia da natureza, cuja dimensão pode servir de elemento norteador para os educadores.

A relevância que hoje assumem no mundo contemporâneo as questões voltadas para a ecologia, para a integração homem natureza, não só do respeito do homem à sua natureza, mas de outra forma de lidar com ela, torna as crianças ribeirinhas com suas brincadeiras, o espelho dessa nova forma de conviver com a natureza. Pois, ao invés de sair com um facão cortando os cipós que pendem das árvores, as crianças os envolvem em suas brincadeiras, se enrolando, pendurando e balançando. O cipó não é um obstáculo para elas, mas sim um desafio a mais em suas brincadeiras, é uma relação de integração e a natureza é cheia de desafios para a criança conviver e aprender.

⁵ Carapanã é o nome dado no Pará, inclusive em Belém, para muriquica ou mosquito.

Essa forma de convivência do homem com a natureza estabelecida no brincar das crianças, nos revela um olhar ecológico, uma nova forma de convivência entre o homem e o meio, um retorno deste a sua forma original, em que cultuava a natureza, que assumia aspectos sagrados para ele. Em suas origens, o homem com seus mitos convivia pacificamente com a natureza, e isto pode ser visto na história contada por uma das crianças ribeirinhas, sobre a formiga ali encontrada.

No momento em que o mundo vive a crise natureza e civilização, natureza e cultura, natureza e progresso, nesse acontecer encontramos, nas comunidades ribeirinhas aqui estudadas, um lugar tão próximo a capital, uma pista que aponta na direção de uma dimensão pedagógica para quem vive nos perímetros urbanos. Pois os educadores precisam considerar o ensino das práticas lúdicas, não apenas sob o ponto de vista das práticas já conquistadas do mundo da ciência e da tecnologia, mas também do reino da natureza, buscando as origens do homem.

É o homem natureza integrado em uma convivência harmônica, considerando que, caso essa harmonia seja quebrada, o preço a ser pago é muito alto (o que na realidade já vem acontecendo). Não podemos esquecer que a sobrevivência do planeta é a sobrevivência do homem, e a sobrevivência deste não se dará sem a sobrevivência do planeta; é um processo dialético e integrador.

Durand (1997) aponta muito bem para o fato de que é uma fantasia se pensar que há uma contradição homem natureza. Na realidade o que há é uma complementaridade, eles não se separam, pois só se pode pensar o homem de forma integrada homem-natureza. O desafio está centrado no fato de aprender a olhar com um novo olhar, a simbiose que há

entre a criança, o brincar e a natureza. O olhar do imaginário. O olhar da complementaridade evidenciado por Durand, já que a criança pode brincar com as brincadeiras ocidentais, sem desprezar, no entanto, os brinquedos naturais, norteados por outra construção de subjetividade, fazendo-a entender que ela e natureza não se separam.

Os educadores não podem perder de vista o fato de que o processo civilizatório e toda sua tecnologia distanciaram o homem da natureza, mas é preciso lembrar que o homem é a própria natureza, com isso é necessário que este homem reencontre sua sensibilidade, para que assim retome o seu ser natureza.

Observa-se que um grande número de escolas não possui espaços de áreas verdes, às vezes restam em algumas uma ou duas árvores a sua volta. Com isso, o professor pode orientar seus alunos que aquela árvore, antes de ser um obstáculo as atividades de aula, pode se constituir em um desafio para eles, pois as crianças precisam saber que cada animal, cada árvore, cada planta é um ser vivo e, da mesma forma como nós, tem direito a liberdade e a vida, considerando que estamos todos envolvidos numa grande teia, a teia da vida.

Nosso papel enquanto educador é de fundamental importância, na busca de aproximar as crianças das questões ambientais contemporâneas, contribuindo assim para a formação de pessoas conscientes e éticas em relação às questões da saúde do planeta. O desafio que se coloca a todos os educadores é educar as crianças, para que estas vejam a natureza com o olhar do “curupira”, o ente protetor da floresta, e com o mesmo espírito do “mapinguari”, um dos entes que habita a floresta, tido como o seu dono, e que afugenta os destruidores do interior da mata.

Referências

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. *A Educação Como Cultura*. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2002.

CAMARA CASCUDO, Luís da. *Geografia dos Mitos Brasileiros*. São Paulo: Global, 2002.

DURAND, Gilbert. *As Estruturas Antropológicas do Imaginário*. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

DUVIGNAUD, Jean. *El juego del juego*. Santafé de Bogotá/Colômbia: Fondo de Cultura Econômica, 1997.

FOUCAULT, Michel. *Vigiar e Punir: nascimento da prisão*. Petrópolis: Vozes, 1987.

GEERTZ, Clifford. *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

Nazaré Cristina Carvalho

Doutora em Educação Física pela Universidade Gama Filho. Professor Adjunto da Universidade do Estado do Pará (UEPA).

Recebido em 15/08/2010.

Aprovado para publicação em 13/11/2010.